

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS TRANSFORMAÇÕES DE USO DA LINGUAGEM

Sonia Merith Claras

Recomendamos que utilize a tela cheia para uma melhor experiência de leitura

Dê dois cliques na tela ou clique no ícone no canto inferior direito

Estamos testando este novo formato de material. O seu feedback é muito importante, não deixe de "Reportar um problema" caso veja algo estranho

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS TRANSFORMAÇÕES DE USO DA LINGUAGEM

Afinal, o que o professor de língua portuguesa deve ensinar na escola? Já fiz muito essa pergunta a estudantes do Curso de Letras, e sempre percebi um certo desconforto entre os alunos na hora de responder. É como se pela primeira vez eles mesmos se perguntassem: o que o professor deve ensinar? Qual deve ser o seu propósito ao preparar as aulas e elaborar o material didático?

Por vezes, para conseguir respostas com mais facilidades, ou ainda, dar mais clareza sobre o fazer docente do professor de Língua Portuguesa, procurava inverter o olhar dos alunos, perguntando-lhes sobre o que mais o professor de Língua Portuguesa ensinava e/ou trabalhava nas aulas. Assim, aos poucos os alunos lembravam-se que interpretavam textos, faziam redação, liam e, principalmente, estudavam gramática. Na verdade, as respostas, em diferentes turmas, sempre apontaram para um predomínio da gramática nas aulas de Língua Portuguesa e, lá de vez em quando, alguém se lembrava que também debatiam, indicando que a aula de Língua Portuguesa também deve reservar espaço para a oralidade.

A disciplina de Língua Portuguesa sempre esteve e, por vezes ainda está, muito vinculada a uma visão de reprodução de regras gramaticais. Por isso não é difícil encontrar pessoas, falantes nativos da língua, afirmando que não sabem língua portuguesa, quando na verdade, o que eles não sabem é classificar ou descrever e explicar as regras gramaticais. Não saber regras, classificações, no entanto, não significa que uma pessoa não domina, não sabe utilizar e se utilizar da linguagem, neste caso, a língua portuguesa. Daí serem capazes de conversar, interagir com amigos e familiares, trabalhar, animar um colega, aconselhar um familiar, defender uma vaga de emprego novo, contar uma piada. Bom, deixemos para falar um pouco mais de ensino de gramática no momento oportuno na disciplina, o que interessa nessa introdução é pensar, justamente, no papel do professor de língua portuguesa, no que deve ser seu objeto de trabalho/ensino.

O primeiro ponto a ser levado em conta é que a forma de ensinar e conceber o objeto de ensino sofre variações no do tempo. Essas mudanças têm relação com vários fatores, dentre eles, a maneira como as pessoas passam a usar a linguagem. E isso também tem uma relação direta com o desenvolvimento das tecnologias digitais de informação e comunicação. A exemplo disso, algum tempo atrás, a piada era o gênero preferido quando alguém queria divertir, fazer rir um outro alguém. Hoje em dia, a piada cedeu espaço para aos memes, que só são possíveis de serem construídos a partir de recursos tecnológicos que antes não existiam, e que possibilitam que um texto seja construído a partir de uma mescla de linguagens verbais, visuais, sonoras etc.

Pensando nesse aspecto, de evolução na forma de conceber a linguagem, diferentes concepções foram defendidas, ou ainda, apontadas pelos estudos linguísticos. A primeira delas enfatiza a relação da linguagem com o processamento interno, na mente do falante, é a concepção de linguagem como expressão do pensamento. “Para essa concepção as pessoas não se expressam bem porque não pensam. A expressão se constrói no interior da mente, sendo sua exteriorização apenas uma tradução”. (TRAVAGLIA, 2002, p. 21). Já na segunda concepção, a linguagem como instrumento de comunicação “[...] a língua é vista como um código, ou seja, como um conjunto de signos que se combinam segundo regras, e que é capaz de transmitir uma mensagem, informações de um emissor a um receptor.” (TRAVAGLIA, 2002, p. 21). Por outro lado, na linguagem como forma de interação “[...] o que o indivíduo faz ao usar a língua não é tão-somente traduzir e exteriorizar um pensamento, ou transmitir informações a outrem, mas sim, realizar ações, agir, atuar sobre o interlocutor (ouvinte-leitor).” (TRAVAGLIA, 2002, p. 22). É a partir dessa última concepção de linguagem, também denominada como forma de interação/discursiva, ou ainda, perspectiva enunciativo-discursiva de linguagem que os documentos parametrizadores para a disciplina de língua portuguesa se organizam. Assim, nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) a concepção de linguagem é definida “[...] como ação interindividual orientada por uma finalidade específica, um processo de interlocução que se realiza nas práticas sociais existentes nos diferentes grupos de uma sociedade, nos distintos momentos de sua história”. (BRASIL, 1998, p. 20). Concepção essa que é retomada mais recentemente pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC), destacando que o homem se constitui, age, ama, argumenta etc. pela linguagem.

Em suma, o que é preciso deixar claro é que “[...] a linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeitos de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico.” (TRAVAGLIA, 2002, p. 22). Por isso não cabe mais nas aulas de língua portuguesa metodologias que não considerem a linguagem em uso, isto é, o texto como objeto de ensino. O texto é, pois, o resultado de uma interação comunicativa, que produz efeitos de sentido entre os envolvidos, produzido num contexto sócio-histórico e que reproduz ideologias de uma sociedade, numa dada época.

Nesse segundo ponto, então, depois de tratar das concepções de linguagem, falemos um pouco mais sobre como os documentos norteadores do ensino, em âmbito nacional, discorrem sobre texto, o objeto de ensino de língua portuguesa.

Conforme destacam os PCNs, (BRASIL, 1998, p. 21) o texto é uma unidade significativa, ou ainda, “[...] o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo, qualquer que seja a sua extensão.”, isto é, o texto é “[...] uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência”. Tão importante quanto compreender o que é texto, é reconhecer a sua relação com os gêneros e o discurso. Quer seja, “[...] todo texto se organiza dentro de um determinado gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam.” (BRASIL, 1998, p. 21).

Essa relação entre texto e gênero é extremamente importante. Aliás, foram os PCNs que introduziram esse viés para o ensino, a partir das proposições de Bakhtin. Na esteira do que propõe o autor, os gêneros, determinados historicamente, são constituídos de “[...] formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura.” (BRASIL, 1998, p. 21). Assim, os textos assumem as formas de uma notícia, uma receita, um poema, uma ata, uma carta de reclamação, um meme, um podcast, uma reportagem, um conselho etc. É o conteúdo temático, a construção composicional e o estilo, aliados às condições de produção e circulação que dão forma aos gêneros, ou ainda, que possibilitam reconhecê-los e estudá-los. Com essa compreensão de que todo texto se materializa em diferentes gêneros, garante-se um viés de ensino que considera a linguagem como forma de interação, de ação entre os interlocutores, sendo os textos uma manifestação da linguagem em uso, que permeia as diferentes esferas sociais, por isso a organização dos gêneros em esfera escolar, jurídica, jornalística, literária etc.

Por fim, todo texto, manifestado em diferentes gêneros, também veicula discursos, que não acontecem no vazio e manifestam-se linguisticamente na forma de textos. Assim, “[...] todo discurso se relaciona, de alguma forma, com os que já foram produzidos”. (BRASIL, 1998, p. 21). Por isso que todo texto, como resultado de uma atividade discursiva, sempre mantém relação com outros já produzidos, mesmo que isso não se explicita. A intertextualidade, a relação entre os textos é o que possibilita reconhecer os discursos produzidos, veiculados no uso da linguagem.

Na esteira dos PCNs, a BNCC vai reiterar a perspectiva enunciativo-discursiva da linguagem e, justamente por isso, assume o texto como objeto de ensino de língua portuguesa, manifestado em diferentes gêneros. Como uma atualização proposta, pensando que a linguagem e seu uso está em constante evolução, o texto é concebido como uma estrutura multissemiótica, em que paira a mescla de linguagens. Assim, não são apenas os textos orais e escritos (com predomínio da linguagem verbal) que são objeto de ensino de língua portuguesa, mas os textos multimodais ou multissemióticos.

Voltando um pouco, quando destacamos que há relação entre o desenvolvimento das tecnologia digitais de informação e comunicação na construção dos textos e, também, na forma de usar e produzir linguagens. A BNCC destaca que o texto não é mais constituído apenas pela linguagem verbal (oral e escrita), uma vez que os recursos tecnológicos e digitais favorecem a criação de textos que mesclam, replicam, misturam linguagem. Estão aí os *memes*, os *vlogs*, as *fanfics*, etc. para comprovar.

Vamos refletir um pouco sobre isso?! Que tal alguns exemplos?! Começamos justamente por um texto sincrético, ou como define a BNCC, por um texto multissemiótico/multimodal. Assista à reportagem Educação inclusiva: entenda o que está em jogo com a proposta da nova Política Nacional de Educação Especial, exibida no dia 29/08/2021 no programa de televisão Fantástico.



Educação inclusiva: entenda o que está em jogo com a proposta da nova Política Nacional de Educação Especial

Apesar de muitas discussões serem consideradas a partir dessa reportagem, priorizarmos apenas os aspectos que contemplam as reflexões arroladas até então, a concepção de linguagem, texto, gênero e discurso. E, principalmente, o sincretismo de linguagem.

Uma reportagem é um texto! Sim, é um texto que se materializa num gênero – que por suas características composicionais, conteúdo temático e estilo – se configura, é reconhecido como uma reportagem. Sobre isso, observa-se que uma reportagem se desenvolve sobre um tema/assunto, no caso, um decreto que envolve uma política nacional sobre Educação Especial, que sugere mudanças, ou como contextualiza a reportagem, possivelmente um decreto que vai na contra-mão do que já se avançou sobre inclusão no Brasil. Para comprovar este ponto de vista, a reportagem traz dados, números que indicam o quanto a inserção de crianças com alguma deficiência aumentou nas escolas, desde 2008, quando ocorreu o início das ações em prol dessa inserção. Além dos dados, outra característica composicional importante está presente na reportagem, as entrevistas, que possibilitam ao telespectador reconhecer diferentes pontos de vistas sobre o assunto em destaque. Quando pensamos em estilo, pensamos em todas as escolhas que o enunciador faz para produzir esse texto: o que vem antes e o que vem depois? Por que foi colocado antes? O que ganhou mais destaque e evidência? Quais pessoas foram escolhidas para as entrevistas? Por que elas e não outras? Qual o tempo dedicado a cada entrevista? Que trilha sonora foi escolhida? Quais cenas compuseram a reportagem? etc. Enfim, esse começo, meio e fim faz parte de uma escolha, sempre tendenciosa e de um estilo de um enunciador (autor pressuposto) que quer convencer, persuadir, fazer crer e sentir seu enunciatário (leitor/espectador pressuposto).

Se a reportagem em estudo é um texto, materializado em um gênero discursivo, ela também veicula discursos, valores que se situam numa dada época, em uma sociedade. E qual ou quais discursos estão presentes nessa reportagem? Escondido por trás de valores, em defesa de melhorias da condição de aprendizagem dos alunos em escolas especiais, percebe-se um discurso que reforça as diferenças, que segrega, separa e não inclui, aceita e acolhe as diferenças. Esse discurso é reiterado nas falas do Ministro da Educação, que garante que muitos desses alunos atrapalham o ensino dos outros colegas.

Texto, gênero, discurso e sincretismo de linguagem. A reportagem também é um texto sincrético, nela misturam-se o visual, o gestual, o sonoro, o verbal, incluindo tomadas de câmeras, sonoplastia, música, entonação, luzes, cores, etc. Que tal assistir à reportagem pausando, apreciando essas escolhas de linguagem, e de estilo desse enunciado? Preste atenção na narração da primeira cena, das parolimpíadas. A narração original traz uma emoção, de uma sinestesia, de um sentir sensorial propiciado pelas braçadas nas águas da piscina. Qual a sonoplastia por trás? Você gostou? Observe as tomadas de câmera do alto da cidade do atleta Gabriel dos Santos Araújo, que reforçam a imagem de uma cidade interiorana, contrapondo-a ao tamanho dos feitos do atleta, um monstro na natação, e que faz parte de uma geração que foi incluída em escolas regulares. E assim, sucessivamente! Música, sonoplastia, entonação da fala dos entrevistados, movimentação das câmeras (produzindo velocidade ou um ritmo menos acelerado), aproximação e distanciamento das câmeras (das cenas retratadas) etc. sempre observando o que está sendo afirmado no verbal, o que está sendo narrado. Sempre há uma relação de efeitos de sentidos entre as linguagens – verbais e não verbais.

Como dissemos, um discurso se relaciona com outros, e isso faz com que reconheçamos os valores, as ideologias que estão sendo veiculadas num determinado período, ou contexto sócio-histórico e ideológico. A exemplo disso, dessa relação entre discursos, presente na intertextualidade de textos, observe a charge abaixo, de Nando Motta:

Imagem 1 - Intertextualidade e interdiscurso presente na Charge de Nando Motta



Fonte: Desenhos do Nando - Instagram.

A charge, um outro exemplo de texto sincrético, em que a linguagem verbal e a visual se misturam e se complementam, compondo o sentido do texto como um todo, dialoga com os discursos produzidos na reportagem. No caso da charge, evidencia-se a participação do Ministro da Educação, Milton Ribeiro, como aquele que realmente atrapalha a educação inclusiva. Posicionado em frente ao um aluno cadeirante, sentado de maneira imponente, sem olhar para o lado, ou para trás, a imagem reitera um posicionamento de quem não se importa com as dificuldades, necessidades dos colegas de sala. A palavra atrapalhar é polissêmica, uma vez que o atrapalhar que está sendo dito no plano da expressão (na imagem dele sentado atrapalhando a visão do quadro do aluno que está atrás dele) não é o sentido que está no plano do conteúdo, na ideia subjacente, ele atrapalha mesmo é o processo de Educação Inclusiva.

E notem, só o Ministro da Educação não está usando máscara. Aqui já se percebe por trás dessa ausência da máscara outros discursos que circulam em outros textos, cenas, reportagens, notícias, o Ministro faz parte de um governo que nega a pandemia, que critica o uso de máscara como essencial na prevenção do novo Corona Vírus. Desta forma, além do discurso sobre uma demanda da Educação Inclusiva, o texto traz ainda o discurso do negacionismo presente em discursos, falas e atitudes no governo atual, em âmbito federal. Como se observa, um texto sempre se relaciona com outros textos, reitera, reproduz, contradiz ideologias, discursos. É preciso, no entanto, saber lê-los para, por vezes, negá-los!

Enfim, pode-se aprofundar mais sobre as ideologias e discursos desses dois textos, trazidos aqui apenas para exemplificar que o ensino deve priorizar uma concepção de linguagem como forma de interação/discursiva, que leva em consideração o uso que se faz da língua. Para pensar mais nessa relação de intertextualidade, de que um texto dialoga com outros, revelando discursos e posicionamentos dos enunciadores (autores pressupostos) indicamos mais uma reportagem como exemplo. Apesar de falar do mesmo assunto, na reportagem veiculada pela TV Justiça.



Termina audiência pública para discutir a Política Nacional de Educação Especial Equitativa

As escolhas são distintas da primeira, exibida no programa Fantástico. Atente para o fato de que até mesmo os recortes dos depoimentos dos entrevistados são outros. Assim os textos indicam mais ou menos imparcialidade dos enunciadores. É preciso estar sempre atento ao fazer persuasivo que os textos exercem!

Em suma, o objeto de trabalho é sempre o texto! Trouxemos aqui aspectos mais relacionados ao processo de leitura, sem detalhar as questões mais pontuais sobre a língua, por exemplo. Mas é o texto que motiva o estudo da língua, que por sinal envolve o trabalho com a leitura, a escrita e a oralidade. Com essa ideia, retomamos aqui a pergunta inicial, o que faz um professor de Língua Portuguesa?

Ele se ocupa de todos os aspectos que envolvem o uso da língua/linguagem, ou ainda, das práticas de linguagem - oralidade, leitura e escuta de textos orais e escritos, produção oral e escrita e análise linguística (em que se insere o estudo da língua). Essa organização consolidada no ensino tem como finalidade possibilitar ao professor, pelo trabalho realizado com os alunos, desenvolver a competência discursiva do aluno, que envolve o fato de o sujeito ser capaz de utilizar a língua de modo variado, para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita. (BRASIL, 1998, p. 23).

Considerando que a linguagem está sempre em movimento, adequando-se aos novos usos que os falantes introduzem, cabe aos documentos que normatizam o ensino estar em sintonia com essas transformações vividas na sociedade, a fim de garantir que a escola não esteja dissociada do uso da língua/linguagem. Assim, é de responsabilidade desses documentos discutir, propor, ou mesmo, estabelecer o que deve ser objeto de ensino na escola, norteando o trabalho docente. Nessa perspectiva, a BNCC traz para a escola a perspectiva do multissemiótico, do híbrido, conceito que perpassa todos os eixos de integração/práticas de linguagem. Sob esse prisma, observe o quadro abaixo, o qual sintetiza as principais informações acerca dos eixos de integração, da Base Nacional Comum Curricular, a fim de perceber como a multimodalidade/multissemiótico/sincrético é enfatizado e, ainda, aprofundar o conhecimento sobre cada um dos eixos em destaque.

Quadro 1 – Base Nacional Comum Curricular e os Eixos de Integração

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC ENSINO FUNDAMENTAL

<p>A BNCC e o eixo LEITURA:</p>	<p>“[...] compreende as práticas de linguagem que decorrem da interação ativa do leitor/ouvinte/espectador com os textos escritos, orais e multissemióticos e de sua interpretação, sendo exemplos as leituras para: fruição estética de textos e obras literárias; pesquisa e embasamento de trabalhos escolares e acadêmicos; realização de procedimentos; conhecimento, discussão e debate sobre temas sociais relevantes; sustentar a reivindicação de algo no contexto de atuação da vida pública; ter mais conhecimento que permita o desenvolvimento de projetos pessoais, dentre outras possibilidades”. (BRASIL, 2018, p. 71)</p> <p>“Leitura no contexto da BNCC é tomada em um sentido mais amplo, dizendo respeito não somente ao texto escrito, mas também à imagens estáticas (foto, pintura, desenho, esquema, gráfico, diagrama) ou em movimento (filmes, vídeos etc.) e ao som (música), que acompanha e cossignifica em muitos gêneros digitais”. (BRASIL, 2018, p. 72)</p>
--	---

BASE NACIONAL COMUM CURRILAR – BNCC ENSINO FUNDAMENTAL

A BNCC e o eixo
**PRODUÇÃO DE
TEXTOS:**

“[...] compreende as práticas de linguagem relacionadas à interação à autoria (individual ou coletiva) do texto escrito, oral e multissemiótico, com diferentes finalidades e projetos enunciativos como, por exemplo, construir um álbum de personagens famosas, de heróis/heroínas ou de vilões ou vilãs; produzir um almanaque que retrate as práticas culturais da comunidade; narrar fatos cotidianos, de forma crítica, lírica ou bem-humorada em uma crônica; comentar e indicar diferentes produções culturais por meio de resenhas ou de playlists comentadas; descrever, avaliar e recomendar (ou não) um game em uma resenha, gameplay ou vlog; escrever verbetes de curiosidades científicas; sistematizar dados de um estudo em um relatório ou relato multimidiático de campo; divulgar conhecimentos específicos por meio de um verbete de enciclopédia digital colaborativa; relatar fatos relevantes para a comunidade em notícias; cobrir acontecimentos

ou levantar dados relevantes para a comunidade em uma reportagem; expressar posição em uma carta de leitor ou artigo de opinião; denunciar situações de desrespeito aos direitos por meio de fotorreportagem, fotodenúncia, poema, lambe-lambe, microrroteiro, dentre outros”. (BRASIL, 2018, p. 76)

A PRODUÇÃO no contexto da BNCC incorporou o texto multissemiótico, por isso uma gama de textos que circulam em ambientes digitais agora fazem parte das aulas de língua portuguesa. Escritas colaborativas, recursos e artefatos tecnológicos são alguns pontos que merecem destaque.

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR – BNCC ENSINO FUNDAMENTAL

<p>A BNCC e o eixo ORALIDADE:</p>	<p>“[...] compreende as práticas de linguagem que ocorrem em situação oral com ou sem contato face a face, como aula dialogada, webconferência, mensagem gravada, spot de campanha, jingle, seminário, debate, programa de rádio, entrevista, declamação de poemas (com ou sem efeitos sonoros), peça teatral, apresentação de cantigas e canções, playlist comentada de músicas, vlog de game, contação de histórias, diferentes tipos de podcasts e vídeos, dentre outras”. (BRASIL, 2018, p. 78-79)</p> <p>“Envolve também a oralização de textos em situações socialmente significativas e interações e discussões envolvendo temáticas e outras dimensões linguísticas do trabalho nos diferentes campos de atuação”. (BRASIL, 2018, p. 79)</p>
--	--

BASE NACIONAL COMUM CURRILAR – BNCC ENSINO FUNDAMENTAL

<p>A BNCC e o eixo ANÁLISE LINGUÍSTICA/ SEMIÓTICA:</p>	<p>“Envolve os procedimentos e estratégias (meta)cognitivas de análise e avaliação consciente, durante os processos de leitura e de produção de textos (orais, escritos e multissemióticos), das materialidades dos textos, responsáveis por seus efeitos de sentido, seja no que se refere às formas de composição dos textos, determinadas pelos gêneros (orais, escritos e multissemióticos) e pela situação de produção, seja no que se refere aos estilos adotados nos textos, com forte impacto nos efeitos de sentido”. (BRASIL, 2018, p. 80)</p> <p>“[...] no que diz respeito à linguagem verbal oral e escrita, as formas de composição dos textos dizem respeito à coesão, coerência e organização da progressão temática dos textos, influenciadas pela organização típica (forma de composição) do gênero em questão”.</p> <p>“No caso de textos orais, essa análise envolverá também os elementos próprios da fala – como ritmo, altura, intensidade, clareza de articulação, variedade linguística adotada, estilização etc. –, assim como os elementos paralinguísticos e cinésicos – postura, expressão facial, gestualidade etc”.</p>	<p>“No que tange ao estilo, serão levadas em conta as escolhas de léxico e de variedade linguística ou estilização e alguns mecanismos sintáticos e morfológicos, de acordo com a situação de produção, a forma e o estilo de gênero”.</p> <p>“Já no que diz respeito aos textos multissemióticos, a análise levará em conta as formas de composição e estilo de cada uma das linguagens que os integram, tais como plano/ângulo/lado, figura/fundo, profundidade e foco, cor e intensidade nas imagens visuais estáticas, crescendo, nas imagens dinâmicas e performances, as características de montagem, ritmo, tipo de movimento, duração, distribuição no espaço, sincronização com outras linguagens, complementaridade e interferência etc. ou tais como ritmo, andamento, melodia, harmonia, timbres, instrumentos, sampleamento, na música”. (BRASIL, 2018, p. 80-81)</p>
---	---	--

Em síntese, cabe ao professor de língua portuguesa oportunizar situações de ensino-aprendizagem que envolvam a leitura, a produção, a oralidade e a análise linguística. Essas práticas de linguagem dizem respeito ao uso que fazemos da língua no nosso cotidiano.

Pensando nesse fazer docente que envolve as práticas de linguagem ou eixos de integração, ao longo desta disciplina vamos conversar mais detalhadamente sobre cada uma delas: na unidade de autoestudo II o foco será leitura; na unidade de autoestudo III a ênfase será a produção de textos, oral e escrita; e, por fim, na unidade de autoestudo IV o destaque será o ensino da gramática e a perspectiva da análise linguística. Lembrem-se, nesta disciplina apenas se introduz os conteúdos acerca das práticas de linguagem, que serão retomadas em outros momentos do Curso, como nas disciplinas de Estágio Supervisionado.

Por fim, se você quiser saber mais sobre o papel do professor de Língua Portuguesa, leia o capítulo “Objetivos do ensino de língua portuguesa” de Annie Rose dos Santos que faz parte do livro *Saberes docentes e práticas de ensino de língua portuguesa: leitura, escrita, análise linguística e gramática*, organizado por Fatima Peres. Esse texto complementa as discussões sobre a identidade, o papel do professor de língua portuguesa.

Referências

BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/#fundamental/lingua-portuguesa>. Acesso em: 5 fev. 2019.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular: versão homologada. 2017.

SANTOS, Annie Rose dos. Objetivos do ensino de língua portuguesa. In: PERES, Fatima (org.) Saberes docentes e práticas de ensino de língua portuguesa: leitura, escrita, análise linguística e gramática. Maringá: Eduem, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação*: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

O PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA E AS TRANSFORMAÇÕES DE USO DA LINGUAGEM

Sônia Merith Claras

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ - UNICENTRO
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB

Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenador UAB

Cláudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Cleber Trindade Barbosa
Coordenador Geral NEAD
Coordenador Administrativo do Curso

Denise Cristina Holzer
Fabiola de Medeiros
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Rawpixel.com
Capa

Aneeque Ahmed /Nounproject
ProSymbols/Nounproject
Ícones

01/2022